

BIBLIOTECA VIVA: UM ESPAÇO DE MULTILETRAMENTOS PARA ALÉM DA SALA DE AULA.

Lara Mendes dos Santos ¹

Francisca das Chagas Frazão Maia ²

Maria Clarice de Freitas Pereira ³

José Idésio Ribeiro Couto ⁴

Tânia Serra Azul Ribeiro Machado ⁵

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo relatar as ações do projeto “Biblioteca Viva”, desenvolvido na Escola Municipal Professor José Valdevino de Carvalho, em Fortaleza, Ceará. A iniciativa foi idealizada e mediada pelo professor supervisor e pelos bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), do Núcleo de Alfabetização da Universidade Estadual do Ceará (UECE). O projeto foi concebido com a finalidade de beneficiar toda a comunidade escolar. A biblioteca, anteriormente, estava sem uso por parte dos alunos e foi reaberta, passando a oferecer serviços de empréstimos de livros e a promover práticas pedagógicas voltadas para os multiletramentos. O referencial teórico estudado dialoga com os(as) pesquisadores(as) da Educação, como Bakhtin, Magda Soares, Saviani, entre outros educadores nacionais e internacionais, que pensaram em uma educação para além da sala de aula, na perspectiva de uma aprendizagem significativa. Vivenciar e participar desta experiência, tem se mostrado extremamente enriquecedor e gratificante para a formação docente dos(as) envolvidos(as), não apenas pela reabertura do espaço ao público, mas, sobretudo, pela alegria, dedicação e entusiasmo que esta ação desperta nas crianças. Vale destacar que muitos desses(as) alunos(as) não possuem, fora do ambiente escolar, acesso frequente às atividades culturais, ou à leitura. Nesse contexto, a biblioteca se consolida como um espaço significativo de aprendizagens, expressões artísticas e vivências transformadoras, impactando positivamente na trajetória dos estudantes, como também na formação pessoal e profissional dos(as) futuros(as) professores(as) envolvidos(as) no projeto.

Palavras-chave: Biblioteca, multiletramentos, vivências, escola, ensino.

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará – UECE, lara.mendes@aluno.uece.br;

² Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará - UECE, francisca.frazao@aluno.uece.br;

³ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará – UECE, clarice.freitas@aluno.uece.br;

⁴ Mestre em Letras pela da Universidade Estadual do Ceará - UECE, idesiocouto@gmail.com;

⁵ Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC), tania.azul@uece.br;



INTRODUÇÃO

Ao tratarmos sobre a questão dos multiletramentos neste trabalho, em especial no ambiente bibliotecário, é primordial trazer como menção Magda Soares, uma educadora, linguista, pesquisadora, professora universitária brasileira e uma das principais referências quando se fala da alfabetização no Brasil. De acordo com a autora, os multiletramentos vão além da simples alfabetização, em outras palavras, a compreensão do que seja ler e escrever, engloba também a capacidade de compreender e interagir com diversas formas de linguagem e comunicação presentes na nossa sociedade contemporânea. Em seus estudos, a autora faz uma diferenciação significativa no que são os multiletramentos e o letramento. O primeiro considera a multiplicidade de linguagens e culturas que moldam o mundo atual, enquanto o segundo envolve a inserção da leitura e escrita em contextos sociais.

Inicialmente, a proposta de vivenciar a biblioteca escolar é justamente oferecer às crianças esse contato com as diferentes linguagens e os diferentes letramentos, é dar a elas o sentimento de pertencimento àquele lugar, de descobrir e aprimorar suas habilidades em cada vivência neste espaço, funciona também como um lugar de trocas, onde são realizadas atividades interativas mediadas pelo supervisor e pelos bolsistas do PIBID, em outras palavras, trata-se de um espaço multiletrado.

As primeiras imersões no mundo da leitura e escrita são essenciais para o processo de alfabetização e letramento das crianças, por isso a importância de um recinto como esse dentro da escola. Para Magda Soares (2020) alfabetizar diz respeito à ação do indivíduo em se apropriar das técnicas, procedimentos e habilidades para ler e escrever; já o letramento pode se dizer que é a utilização desta tecnologia escrita conforme as demandas em práticas sociais. Contudo, é importante ressaltar que alfabetizar e letrar são processos distintos, porém complementares que devem ser realizados concomitantemente (SOARES, 2020).

De forma ampla, pode-se afirmar que o campo de estudos que se refere aos multiletramentos preocupa-se de forma fundamental com as investigações sobre os estilos de escrita, suas formas de utilização, funções e seus efeitos de causa para o indivíduo e para a sociedade na qual o mesmo está inserido. As práticas da escrita na escola, que apresentam uma referência sobre a definição de multiletramento e que se baseia nos termos como não alfabetizado ou alfabetizado, sugerem características particulares do tipo de letramento, no qual



se refere ao letramento específico da escola, de forma que há outros âmbitos explorados, como letramentos familiar, visual, entre outros, que atravessam e perpassam pela sociedade contemporânea. Com base nisso, o letramento não se resume ao saber ler e/ou escrever determinado tipo de escrita específica, mas em empregar esse conhecimento para específicas intenções em contextos diferentes de utilização. (TERRA, 2013).

Nesta perspectiva, através das inquietações sobre o processo de multiletramentos, da alfabetização nos Anos Iniciais, seus desafios e possibilidades, os bolsistas de Iniciação à Docência da Universidade Estadual do Ceará idealizaram o projeto Biblioteca Viva concebido com a finalidade de beneficiar toda a comunidade escolar. A biblioteca, que estava sem fins pedagógicos por parte dos estudantes e docentes, foi reaberta para disponibilizar serviços de empréstimos de livros, divulgação de leituras e atividades didáticas, além de promover práticas pedagógicas voltadas para a alfabetização. O referencial teórico estudado dialoga com os(as) teóricos(as) da linguagem e da Educação, como Bakhtin (filósofo da linguagem) com o seu estudo sobre dialogismo e linguagem, Magda Soares e o processo de Alfabetização e Letramento, Saviani e a compreensão das políticas educacionais, entre outros educadores nacionais e internacionais, que pensaram conceitos sobre linguagem e educação para além da sala de aula, na perspectiva de uma aprendizagem significativa.

Além disso, a vivência e a participação nesta experiência, tem se mostrado extremamente enriquecedora e gratificante para a formação docente dos(as) bolsistas, não apenas pela reabertura do espaço para acesso ao acervo, mas, sobretudo, pela curiosidade, criatividade e aprendizagem que esta ação desperta nas crianças. Vale salientar que por diversos motivos, sejam eles sociais, econômicos ou culturais, muitas dessas crianças não possuem acesso às atividades culturais, ou à leitura a não ser no ambiente escolar. Nesse contexto, a biblioteca se consolida como um espaço significativo de aprendizagens, expressões artísticas e vivências transformadoras, impactando positivamente na trajetória dos(as) estudantes, como também na formação inicial dos bolsistas pertencentes ao projeto.

METODOLOGIA

A metodologia empregada neste trabalho abarcou a realização de uma pesquisa qualitativa que abrangeu os conceitos de multiletramentos aplicados ao processo de Alfabetização. O objetivo central deste estudo foi o de analisar as principais ações do projeto



“Biblioteca Viva” e as abordagens teóricas e metodológicas que embasam a utilização desse espaço no processo de ensino e aprendizagem, no que se refere à leitura e escrita de crianças dos anos iniciais do ensino fundamental.

Este trabalho busca mostrar o impacto positivo da reabertura da biblioteca, como um espaço de aprendizado que dialoga com as ideias e referências de estudos de diversos teóricos. Com isso, serão utilizados procedimentos metodológicos baseados em revisão bibliográfica, com base em livros, artigos acadêmicos, dissertações e teses que abordam a singularidade que um espaço como a biblioteca oferece ao público escolar. Em nossa pesquisa, destacamos alguns autores que discutem essa temática: Magda Soares (2020), Mikhail Bakhtin (1992) e Saviani (2007).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A autora Magda Soares (2006) em seus estudos sobre alfabetização e letramento, realizou uma distinção conceitual importante, como mencionada anteriormente, entre esses dois termos precisos no âmbito educacional que são frequentemente usados como sinônimos, como se cada um deles não tivesse sua própria particularidade, ou seja, processos que são diferentes, embora complementares.

A alfabetização, se conceitua como uma prática social de leitura e de escrita, em outras palavras, o domínio da decodificação e codificação da língua escrita, que envolve habilidades de reconhecer letras e seus sons, a compreensão da estrutura das palavras e a prática de saber ler e escrever, convencionalmente. Logo, quando se fala de alfabetizar um indivíduo, estamos nos referindo àquele ser social como alguém capaz de ler e escrever, no sentido técnico e mecânico do uso da linguagem escrita.

O letramento, por sua vez, conceitualizado de forma mais ampla diz respeito à capacidade de usar a leitura e a escrita em práticas sociais. Envolve aspectos culturais, sociais e funcionais da linguagem escrita, como, por exemplo, ler para buscar informações, escrever com propósito comunicativo e participar ativamente da cultura letrada da sociedade.

Com isso, Soares (2006) defende que alfabetização e letramento precisam caminhar juntos. A criança deve, desde o início da sua aprendizagem, ser alfabetizada dentro de um



contexto de letramento, ou seja, em situações reais de uso da língua escrita. Logo, a aprendizagem se dá por meio do contato direto com textos reais sejam eles jornais, bilhetes, convites ou histórias; se estabelecendo também diante da importância do incentivo à leitura com sentido, não apenas técnica e, por fim, pelo estímulo à escrita com função social. Segundo, Magda Soares (2006), alfabetizar letrando é ensinar a ler e escrever inserindo o aprendiz nas práticas sociais de leitura e de escrita.

Além de Magda Soares, um outro autor que se faz necessário mencionar neste trabalho é Mikhail Bakhtin, um estudioso considerável quando se fala sobre linguagem, principalmente quando se enfatiza a linguagem e o ensino da leitura e da escrita. O filósofo afirma que a linguagem é social e dialógica, isto é, a linguagem não é neutra nem individual, ela sempre ocorre na interação com o outro. Na prática da leitura e da escrita deve haver a comunicação, sem deixar de dialogar, é claro, com o contexto social dos indivíduos. Reforçando tal argumentação, Bakhtin (1992) ressalta, que as relações dialógicas fazem parte da natureza da vida, pois as pessoas participam do diálogo em suas vidas constantemente. A linguagem, em toda a sua manifestação, é resultante do processo dialógico, visto que o sujeito se dá por meio da relação com o outro, com as suas leituras e seus dizeres. É válido ressaltar que esse “outro” refere-se a tudo com quem for possível dialogar, por exemplo, uma pessoa, um livro, um filme, etc.

Nessa perspectiva bakhtiniana, alfabetizar, não pode ser só a codificação de letras e sílabas, mas deve considerar a inserção da criança nos usos sociais da linguagem escrita, ou seja, o letramento. Para o processo de alfabetização é significativo que a criança participe ativamente, expressando-se, ouvindo, perguntando, criando textos verbais e não verbais, sempre num processo dialógico.

Assim como Bakhtin, Dermeval Saviani um dos maiores filósofos da educação no Brasil, considera que a alfabetização não apenas como um processo técnico (como aprender a decodificar letras e sílabas), mas enfatiza a mesma como um ato político e social, que garanta à criança o acesso ao conhecimento historicamente acumulado pela humanidade. Para ele, alfabetizar exige ensinar de forma sistemática, com intencionalidade, método, mediação do professor e foco no conteúdo, ou seja, o processo de aprendizagem precisa ser mediado para assim ser qualitativo (SAVIANI, 2007).



RESULTADOS E DISCUSSÃO

A biblioteca da Escola Municipal Professor José Valdevino de Carvalho, assume um importante papel no processo de ensino e aprendizagem dos alunos. Ela funciona como uma ferramenta de uso pedagógico, que busca promover e democratizar a leitura, e por fim, contribui para a *literacia*, que de acordo com a Política Nacional de Alfabetização (PNA) está ligada a totalidade de conhecimentos, habilidades e atitudes que estão relacionados à leitura e à escrita e que contribui para a formação dos pequenos leitores (BRASIL, 2009), ou seja, oportunizando aos estudantes uma formação sólida e cidadã. Este espaço deve ser uma extensão da sala de aula, que busca em seu funcionamento ser um ambiente acolhedor, atraente e propício para as atividades de aprendizagem e lazer. Nela devem estar inseridos, como exemplos, os jogos educativos à prática da contação de histórias, o teatro de sombras de literaturas diversas e multimídias acessíveis aos usuários, atendendo e sendo parte integrante no processo de aprendizagem, de acordo com a proposta pedagógica da escola.

A biblioteca escolar, que foi reaberta e atualmente é vivida pelos estudantes, deve transcender a organização de livros nas estantes, pois é um ambiente de estímulo à criação, à curiosidade, à busca e consolidação do conhecimento, além de ser um local onde há interações sociais que dialogam também com o processo de aprendizagem de nossas crianças. A proposta do espaço bibliotecário é ser um ambiente multiletrado, onde possam circular diversas formas de linguagem e letramento(s); neste se enfatiza a presença de linguagens como os escritos, as imagens, as músicas, os vídeos, a oralidade etc., em outras palavras, um lugar onde as crianças interagem com variados tipos de textos e suportes. Tal fator é crucial para o desenvolvimento das múltiplas habilidades como a compreensão, a produção, a interpretação e a criatividade dos pequenos.

O projeto “Biblioteca Viva” na perspectiva dos bolsistas de iniciação à docência, do PIBID, torna-se positivo e significativo, na medida em que foi o resultado de um trabalho pensado pelos(as) bolsistas em prol de toda a comunidade escolar, pois trouxe benefícios imensuráveis para as crianças, além de que muitas delas não possui contato com acervos literários fora da escola. Sem dúvidas, este espaço é cercado de muitas experiências e vivências, e cada uma delas contribui para a história e a importância desse lugar.



Na reabertura da biblioteca, foi possível perceber o olhar das crianças e o entusiasmo, a curiosidade, a busca de conhecer as palavras, as histórias contidas nos livros. Algumas delas, sem ainda saber ler, tinham a mediação de alguns bolsistas presentes no local para contemplá-las com uma leitura do livro, que eles(as) escolheram. Todas estas questões dizem muito sobre o cuidado, a atenção e o olhar que nossas crianças da escola pública precisam ter. A vivência desses momentos somou significativamente para a construção da carreira docente de cada bolsista. A biblioteca viva nos faz viver essas emoções, nos encoraja para buscar sempre o melhor para os alunos. Por fim, é grandioso perceber o impacto positivo que a reabertura da biblioteca teve, não só nos alunos, mas também naqueles que a projetaram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou abordar a experiência de reabertura da biblioteca da escola, não só para o empréstimo de livros, mas também com o objetivo de estabelecer práticas de multiletramentos. O espaço devolveu às crianças o gosto pela leitura de forma prazerosa e constante, além de retomar a capacidade de buscar, selecionar e interpretar informações. Ainda, garantiu a equidade informacional das crianças por ser um espaço que abraça as diferenças e respeita cada uma delas, e que foi possível a realização de atividades culturais e projetos interdisciplinares.

Por fim, esta experiência vivenciada no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), revelou a riqueza que este tipo de projeto traz para dentro da escola da educação básica. Dessa forma, a Biblioteca Viva se consolida como um espaço onde também se aprende. Experimentar esse espaço de aprendizagem com as crianças fora da sala de aula, é dar a elas a possibilidade de que o conhecimento esteja em todo lugar. Assim sendo, cada encontro com os(as) estudantes neste espaço de leitura e diálogo, configuraram-se como momentos de trocas de saberes e de aprendizado mútuo, possibilitando o crescimento coletivo sustentado pela escuta atenta, pelo acolhimento e pela construção compartilhada de sentidos significativos.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. (VOLOCHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.



BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. In: __. Estética da criação verbal. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261–306.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Secretaria de Alfabetização. PNA: Política Nacional de Alfabetização. Brasília: MEC, SEF, 2019b.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11. ed. Campinas: Autores Associados, 2007.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. Revista Pátio – Revista Pedagógica, Porto Alegre: Artmed, ano X, n. 40, p. 15-17, jul./set. 2006.

SOARES, Magda. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.

TERRA, M. R.. Letramento & letramentos: uma perspectiva sócio-cultural dos usos da escrita. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, v. 29, n. 1, p. 29–58, 2013.

